



Canal Auxílio EBD

Revista Lições Bíblicas CPAD 4º Trimestre de 2020 – Classe dos Adultos

Título: A fragilidade humana e a soberania divina — O sofrimento e a restauração de Jó

Comentarista da Lição: José Gonçalves

Autor dos Comentários (em azul): Ev Luiz Oliveira

Data da aula: 15 de Novembro de 2020

NOTAS DE AULA

LIÇÃO 7

A TEOLOGIA DE BILDADE: SE HÁ SOFRIMENTO, HÁ PECADO OCULTO?

Hoje estudaremos a teologia de Bildade que, a exemplo do que ocorria com Elifaz, também aponta para o mesmo conceito sobre o que está acontecendo com Jó: a justiça retributiva.

TEXTO ÁUREO

“Se teus filhos pecaram contra ele, também ele os lançou na mão da sua transgressão.” (Jó 8.4)

O versículo apontado originalmente na lição está errado. O correto é Jó 8.4.

VERDADE PRÁTICA

A existência do sofrimento não quer dizer que haja **pecado oculto**.

Aqui, o comentarista rebate o pensamento de Bildade e responde à pergunta do título da lição.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Jó 8.1,2

Até quando falarás tais coisas?

Quinta – Jó 18.3-4

Que tipo de tratamento é devido?

Terça – Jó 8.3,4

Deus perverteria o direito e a justiça?

Sexta – Jó 25.1,2

A soberania de Deus

Quarta – Jó 18.1,2

Como se usam as palavras?

Sábado – Jó 25.3-5

Qual é a condição do homem?

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Jó 8.1-4; 18.1-4; 25.1-6.

Jó 8

1 – Então, respondeu Bildade, o suíta, e disse:

2 – Até quando falarás tais coisas, e as razões da tua boca serão qual vento impetuoso?

3 – Porventura, perverteria Deus o direito, e perverteria o Todo-Poderoso a justiça?

4 – Se teus filhos pecaram contra ele, também ele os lançou na mão da sua transgressão.

Jó 18

1 – Então, respondeu Bildade, o suíta, e disse:

2 – Até quando usareis artifícios em vez de palavras? Considerai bem, e, então, falaremos.

3 – Por que somos tratados como animais, e como imundos aos vossos olhos?

4 – Ó tu, que despedaças a tua alma na tua ira, será a terra deixada por tua causa? Remover-se-ão as rochas do seu lugar?

Jó 25

1 – Então, respondeu Bildade, o suíta, e disse:

2 – Com ele estão domínio e temor; ele faz paz nas suas alturas.

3 – Porventura, têm número os seus exércitos? E para quem não se levanta a sua luz?

4 – Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce da mulher?

5 – Olha, até a lua não resplandece, e as estrelas não são puras aos seus olhos.

6 – E quanto menos o homem, que é um verme, e o filho do homem, que é um bicho!

OBJETIVO GERAL

Mostrar que nem sempre o sofrimento é consequência de um **pecado oculto**, como pensava Bildade.

Aqui, o comentarista admite que o sofrimento pode ser consequência do pecado, mas que, no caso de Jó, não se aplicava. Essa questão deve ser analisada no que chamamos de “caso a caso”, pois não há um padrão universal, conforme veremos na lição.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Destacar o argumento de Bildade que contrastava o pecado com o caráter santo e reto de Deus;

Contraste aponta para algo que se opõe claramente, ou seja, é o oposto de algo. Realmente, o caráter e a santidade de Deus são totalmente opostos ao pecado.

Explicar a concepção de Bildade que associava o pecado à quebra da moralidade religiosa;

Essa moralidade religiosa, conforme veremos na lição, é a tradição herdada por aqueles povos da época.

Esclarecer a argumentação de Bildade que contrapunha a pequenez humana com a grandeza de Deus.

INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Deus é reto e justo. Ele é santo. Nesta lição veremos a contraposição que Bildade faz do caráter de Deus com o pecado humano. Logo, se Deus é santo e justo, Ele não compactua com o **pecado oculto** de uma pessoa. Essa é uma doutrina correta. A constatamos ao longo de toda a Escritura. Entretanto, a acusação de pecado oculto se aplicaria a Jó? O livro deixa claro que não. O problema de Jó não era o pecado oculto. Embora seu amigo Bildade o acusasse, ele estava certo de que não havia nada a esconder. O diálogo de Jó e Bildade deve nos levar a seguinte reflexão: **os problemas que se abatem na vida dos servos de Deus quase sempre não podem ser explicados de forma simplista.**

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Nesta aula, estudaremos sobre a teologia do segundo amigo de Jó, Bildade. Veremos que ela apresenta o caráter justo e reto de Deus em contraposição ao **suposto pecado oculto** de Jó.

Contraposição significa algo que se opõe. O comentarista cita, no livro de apoio, que a teologia dos amigos de Jó, embora expostas de forma um pouco diferente, possuíam a mesma direção: a justiça da retribuição. Notem que o comentarista citou várias vezes, até esse ponto, a questão do pecado oculto. Baseando-se no conceito da retribuição, Bildade também acreditava que havia algo errado na vida de Jó, pois o patriarca estava experimentando aquele sofrimento enorme. Mas, como Jó havia se defendido das acusações de Elifaz e, aparentemente, ninguém conseguia apontar algum pecado visível de Jó, seu amigo suíta concluiu que o patriarca deveria ter algum pecado oculto. Por pecado oculto podemos entender aqueles pecados que não têm testemunha ocular, ou seja, que ninguém viu alguém cometendo.

Estudaremos também a defesa de Bildade por uma moralidade rígida, fundamentada em meros preceitos religiosos, sem, contudo, guiar-se por princípios espirituais.

Moralidade rígida, com o objetivo de apenas em cumprir preceitos religiosos é o que chamamos de legalismo. O legalista acredita que, por ser obediente às regras impostas, ele se torna merecedor de “recompensas” da parte de Deus.

E, finalmente, analisaremos a ideia de que, segundo Bildade, Deus é um ser muito distante e que, devido a sua onipotência e grandeza, está muito longe do mortal. Ele, portanto, é inacessível.

Aqui veremos, a exemplo do que acontecia com Elifaz, Bildade levava em conta apenas a transcendência de Deus, deixando de lado a imanência divina.

Ao longo de cada argumento de Bildade, veremos a contraposição de Jó.

Conforme já mencionamos, Jó se contrapõe, ou seja, se opõe aos argumentos de Bildade.

PONTO CENTRAL

Quando há sofrimento não se quer dizer que há pecado oculto.

I. O PECADO EM CONTRASTE COM O CARÁTER JUSTO E SANTO DE DEUS

Veremos nesse tópico o primeiro discurso de Bildade, o suíta. Pelo termo suíta, alguns estudiosos supõem que ele fosse descendente de Suá, um dos filhos que Abraão teve com Quetura (Gn 25.2), e que morava na Arábia, denominada na Bíblia como a “terra oriental” (Gn 25.6).

1. Deus é justo e reto. A teologia de Bildade (Jó 8.1-22) possui semelhanças com a de seu amigo, Elifaz. Para esse segundo amigo, as ações de Jó não poderiam ser justificadas, pois elas condenavam a Deus, revelando que Ele punia pessoas justas.

Diante da refutação que Jó apresentou diante das argumentações de Elifaz, Bildade entra em cena, querendo “defender” a Deus. Na concepção do suíta, a teologia da

retribuição era a única aceita. Aqui vemos, mais uma vez, a manifestação da ideia de que sofrimento e provação são apenas resultado dos pecados de alguém. No entendimento de Bildade, Jó estaria acusando a Deus de cometer injustiça com ele, pois ele afirmava ser justo.

No discurso de Jó a Elifaz, ele cita, pelo menos por duas vezes, que era inocente. Leiamos **Jó 6.24b – ARC**: “*e dai-me a entender em que errei*”. Leiamos, ainda, **Jó 7.20a – ARC**: “*Se pequei, que te farei, ó Guarda dos homens?*”.

Por outro lado, como Deus não era injusto, então, Jó deveria reconhecer o seu pecado, pois ele estava sendo terrivelmente afligido.

Em outras palavras, Se Deus permitisse que algo ruim acontecesse a alguém aparentemente bom seria considerado uma injustiça por Bildade. E, como na sua concepção Deus era justo, essa hipótese não poderia ser levada em consideração. Leiamos **Jó 8.3 – ARC**: “*Porventura, perverteria Deus o direito, e perverteria o Todo-Poderoso a justiça?*”. Assim sendo, por estar sofrendo daquela forma, Jó só poderia estar com algum pecado oculto, o que deveria ser confessado.

Assim, a teologia de Bildade pode ser classificada em duas esferas: a dos maus e a dos bons. Por exemplo, Bildade assevera que os filhos de Jó foram mortos porque eram maus (8.4); por outro lado, como um homem que alegava ser justo e bom, Jó poderia desfrutar novamente do favor de Deus se reconhecesse o seu pecado (Jó 8.5).

Na realidade, o que me dá a entender com isso é que, segundo Bildade, haveria os maus, que não mereceriam uma segunda chance; os maus que sofreriam, mas teriam uma chance de redenção, e os bons. E o suíta classificou os filhos de Jó como maus do primeiro tipo e, por conta disso, foram punidos por Deus com a morte. Imagine a dor que Jó deve ter sentido por ouvir essa acusação de Bildade. Muitas vezes, nossas palavras podem magoar profundamente. Leiamos **Pv 12.18 – NVI**: “*Há palavras que ferem como espada, mas a língua dos sábios traz a cura*”. Bildade não apenas estava acusando os filhos de Jó de serem maus, mas também afirmando, de forma indireta, que o patriarca havia falhado na sua responsabilidade de instruí-los a respeito de Deus.

2. Uma compreensão limitada da natureza de Deus. Bildade traz consigo uma compreensão incompleta e limitada da natureza de Deus, o que faz com que ele pense que o sofrimento de Jó seja a consequência de um pecado oculto.

Exatamente o mesmo que ocorria com Elifaz: entendimento parcial a respeito de quem é Deus. E o comentarista cita, mais uma vez, a questão da justiça retributiva.

Assim, outra compreensão é evidente: Jó deve demonstrar que é realmente bom e que merece o favor de Deus. É uma teologia que destaca uma **meritocracia humana** no processo de justificação diante de Deus: “Mas, se tu de madrugada buscares a Deus e ao Todo-Poderoso pedires misericórdia, se fores puro e reto, certamente, logo despertará por ti e restaurará a morada da tua justiça” (8.5,6).

Vejam que, conforme mencionado anteriormente, a meritocracia está ligada diretamente ao legalismo, ou seja, a pessoa pensa: “eu estou sendo abençoado porque sou obediente aos mandamentos de Deus”. Meritocracia é receber algo por merecimento, ou seja, a pessoa “mostrou” que mereceu ganhar algo, o que é completamente oposto à graça.

Logo, o enfoque de Bildade não é a graça que flui de Deus, mas o esforço humano que, por mérito próprio, pretende justificar o homem diante de Deus.

Algo que é totalmente contrário ao que diz a Palavra de Deus. A salvação vem pela fé e não através das obras. A obra deve acompanhar a fé e não substituí-la. Mesmo antes de Cristo, a Bíblia nos diz que o homem era justificado pela fé, e não pelas obras. Leiamos **Rm 4.2,3 – NVI**: “*Se de fato Abraão foi justificado pelas obras, ele tem do que se gloriar, mas não diante de Deus. Que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça*”. Aqui o texto bíblico diz que Abraão creu, e, por causa da sua fé, foi considerado justo.

3. A imperfeição humana. Diante da defesa teológica feita por Bildade, Jó pergunta: “Como se justificaria o homem para com Deus?” (Jó 9.2). Ora, Deus é infinitamente sábio e justo.

Jó está refutando a teologia de Bildade, reconhecendo que não há como o homem se justificar diante de Deus, mostrando algum “merecimento” de algo. Leiamos **Jó 9.20 – ARC**: “*Se eu me justificar, a minha boca me condenará; se reto me disser, então, me declarará perverso*”. Jó, mesmo estando certo de que não estava em dívida para com Deus, tinha a convicção que o mau habita no homem e que as justiças que o homem possa realizar não o qualificam como alguém perfeito diante de Deus.

Jó está consciente de que nenhuma perfeição humana o habilitará a aproximar-se de Deus. Dessa forma a autopurificação não passava de presunção: “Ainda que me lave com água de neve, e purifique as minhas mãos com sabão, mesmo assim me submergirás no fosso, e as minhas próprias vestes me abominarão” (Jó 9.30,31).

Aqui Jó está combatendo o legalismo, ou seja, o ato de obedecer aos mandamentos para “parecer” merecedor de alguma recompensa. A pureza e a justiça têm que iniciar no nosso coração, para poderem ser demonstradas através das nossas atitudes.

A linguagem é poética, mas ela afirma objetivamente a doutrina da santidade de Deus e a pecaminosidade humana. Deus é santo e Jó, um pecador.

Conforme mencionado anteriormente.

Entretanto, essa não era a questão para Jó. O grande questionamento dele poderia ser feito da seguinte forma: “É verdade que onde há sofrimento há pecado?”. Seus amigos responderiam: sim; Jó, um retumbante não.

Esse era o motivo da confusão de Jó. Ele tinha plena consciência de que não estava em falta para com Deus e, mesmo assim, estava passando por toda aquela situação de sofrimento. Ele estava experimentando algo que o levava a pensar que a teologia da retribuição não era regra absoluta.

Deus já havia testemunhado acerca da integridade e da justiça de Jó. Isso deixa claro que nem sempre o sofrimento é fruto de uma imperfeição moral ou resultado de um pecado pessoal. Esse era o caso de Jó.

O comentarista pontua, no livro de apoio, que o Livro de Jó faz com que esse paradigma da teologia da retribuição seja quebrado. Esse sistema simplista de recompensa e punição de acordo com as ações das pessoas foi desmontado, dando lugar a um entendimento que a reflexão sobre o que é recompensa ou punição e como alguém os recebe escapa da nossa compreensão. Um exemplo disso encontramos no Salmo 73, onde Asafe questiona a aparente prosperidade dos ímpios, em contraste com o sofrimento dos justos.

SÍNTESE DO TÓPICO I

Deus é justo e reto; o ser humano é imperfeito.

SUBSÍDIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

Para explicar melhor este primeiro tópico, é importante que você faça uma reflexão doutrinária acerca da justiça de Deus e da imperfeição do ser humano. São duas áreas teológicas que estudamos nas disciplinas de Teologia (estudo de Deus) e Antropologia Bíblica (estudo do homem). Dominar esses dois temas é muito importante para desenvolver o presente tópico com segurança. Para auxiliá-lo nessa tarefa, sugerimos duas boas obras editadas pela CPAD: Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal, organizada por Stanley Horton; Doutrinas Bíblicas: Os Fundamentos da Nossa Fé, de Stanley Horton e William W. Menzies.

II. O PECADO VISTO COMO QUEBRA DA MORALIDADE TRADICIONAL

Agora veremos a segunda argumentação de Bildade.

1. Moralismo por tradição. Bildade (Jó 18.1-21) também está comprometido na defesa da moralidade que ele acredita ser a correta. Para ele não havia nada errado quando fez a defesa da justiça divina, da mesma forma que acreditou estar correto quando defendera a moralidade dos seus dias. Todavia, não podemos falar de uma ética ou teologia moral de Bildade, mas simplesmente de um moralismo fundamentado na tradição (18.1-21).

Essa moralidade (ou moralismo) que Bildade está defendendo é, segundo o comentarista pontuou no livro de apoio, foi herdada dos seus antepassados. Vejam que o comentarista deixou claro que Bildade estava defendendo o comportamento moral, não porque ele o praticava, mas sim como resultado de uma herança cultural recebida de seus pais e avós. É a chamada “defesa da moral tradicional”. Entendam que, a primeira vista, não há nada de mal nisso. Encontramos nas páginas do Antigo Testamento várias passagens que defendem esse comportamento moral, mas relacionado ao temor e obediência aos mandamentos do Deus Todo-Poderoso.

2. A subversão da ordem moral. Na verdade, Bildade simplesmente repete o que já vem sendo defendido por gerações passadas, todavia, acrescentando alguns contornos aos seus pressupostos teológicos.

Esses contornos apontados pelo comentarista seriam justamente suas palavras em “defesa” da retidão e da justiça de Deus.

Para ele as desgraças sofridas por Jó ocorreram por causa da quebra da moralidade estabelecida.

Vejam que os fatos sempre orbitam em torno do conceito defendido de que as pessoas sofrem por estarem em pecado ou, em outras palavras, por terem quebrado as regras da moralidade estabelecida, conforme escreveu o comentarista.

Como o entendimento de Bildade era o de que o universo é controlado por leis morais inflexíveis, ao quebrá-las Jó sofreu as consequências da mesma forma que sofre quem quebra a lei da gravidade. Nesse aspecto, praticar a justiça é se ajustar à dinâmica dessas leis morais.

Mais uma repetição da teoria da justiça retributiva, mas agora com outro palavreado.

Bidade acreditava que de nada adiantava Jó achar que os maus prosperavam, pois isso era apenas ilusão. No seu entendimento, a prosperidade dos maus assemelhava-se as raízes de uma árvore que foram cortadas, cujos ramos, embora mantenham a aparência de verdor por algum tempo, todavia, necessariamente murcharão (18.12-16). Ao não reconhecer isso, Jó estaria tentando subverter a ordem moral aceita.

Aqui o comentarista apresenta uma inversão na ordem da narrativa bíblica. Jó menciona a respeito de que os ímpios, muitas vezes, gozam de prosperidade nessa vida, no capítulo 21 do seu livro e o discurso de Bildade apontado pelo comentarista está no capítulo 18. Mas o que entendi do discurso de Bildade no capítulo 18 do Livro de Jó é que o ímpio seria terrivelmente perseguido pela maldição e pela punição, até que a morte o encontrasse.

3. Contemplando a cruz. O capítulo 19 é dedicado à defesa de Jó. É inegável que Jó sabia que Deus atua em um universo moral e que tudo o que acontece está sob seu controle.

No capítulo 19 do seu livro, Jó lista algumas das coisas ruins que lhe sobrevieram nesse período, considerando que todo aquele sofrimento foi enviado pelo próprio Deus. Leiamos **Jó 19.5 – ARC**: *“sabei agora que Deus é que me transtornou e com a sua rede me cercou”*.

O homem de Uz estava convicto de que não havia quebrado nenhuma lei moral, sendo, portanto, inocente e que o seu sofrimento não teria razão aparente.

Conforme já vimos anteriormente.

Mas diante das acusações dos amigos, ele está disposto a abandonar toda tentativa de se autojustificar (Jó 19.21-24). Ele quer abandonar toda instância humana e apelar para um mediador (redentor) que defenderá sua causa. Ele não quer mais se defender; ao invés disso, apela para alguém totalmente justo, que vai ficar entre ele e Deus. É aí que ele contempla a cruz: “Eu sei que meu redentor vive” (v.25). A palavra “redentor” traduz o hebraico *goel* e significa alguém que defendia um familiar quando este não podia fazer sua própria defesa.

Jó havia chegado à conclusão que seus amigos não entenderiam sua posição e, diante de tantas acusações, Jó havia desistido de se defender. Leiamos **Jó 19.3 – ARC**: *“Já dez vezes me envergonhastes; vergonha não tendes de contra mim vos endurecerdes”*. Toda aquela discussão não levaria a lugar algum.

Os primeiros líderes da Igreja entendiam que Jó predisse a ressurreição que será efetuada por Cristo no final dos tempos e da qual ele participará. O patriarca queria a intercessão desse justo, imparcial e eficiente mediador.

Essa série de versículos é maravilhosa. Realmente, nos parece que Jó tinha a esperança de se encontrar com Deus, por causa da sua fidelidade e amor ao Senhor. Leiamos **Jó 19.25-27 – ARC**: *“Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão; e, por isso, o meu coração se consome dentro de mim”*.

SÍNTESE DO TÓPICO II

Não se pode admitir a subversão da ordem moral, mas Jó estava certo de que não havia subvertido nada.

SUBSÍDIO TEOLÓGICO

“Neste capítulo [18], Bildade disfire um segundo ataque contra Jó. No seu primeiro discurso (Jó 8), ele lhe tinha dado encorajamento para ter esperança de que tudo lhe sairia bem. Mas aqui não há uma palavra sequer sobre isto; ele ficou mais irritante, e está tão longe de ser convencido pelos argumentos de Jó que está ainda mais exasperado.

I. Ele reprova Jó de maneira contundente, como sendo arrogante e inflamado, e obstinado na sua opinião (vv.1-4).

II. Ele detalha a doutrina que tinha apresentado antes, a respeito da miséria dos ímpios e a ruína que os acompanha (vv.5-21).

Aqui, ele parece, o tempo todo, se fixar nas queixas de Jó sobre a infeliz condição em que se encontrava, de que ele estava nas trevas, confuso, preso, aterrorizado, e apressando-se para deixar o mundo. ‘Esta’, diz Bildade, ‘é a condição de um homem ímpio; e, portanto, és um deles’. [...] Aqui Bildade dispara suas flechas, e também suas palavras amargas, contra o pobre Jó, sem pensar que, embora ele (Bildade) fosse um homem sábio e bom, neste caso estava servindo os desígnios de Satanás, contribuindo para a aflição de Jó” (HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Antigo Testamento: Jó a Cantares de Salomão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p.92).

III. O PECADO EM CONTRASTE COM A MAJESTADE DE DEUS

Veremos o terceiro e rápido discurso de Bildade, onde ele não nada de relevante para que pudéssemos analisar com mais profundidade.

1. A grandeza de Deus. O terceiro discurso de Bildade é feito para exaltar Deus e rebaixar Jó (Jó 25.1-6). Não há como negar que o longo debate entre Jó e seu amigo,

esgotou o poder argumentativo de Bildade, o que fez com que ele repetisse várias vezes o que já havia dito. Na verdade, o seu último discurso não traz nada de novo.

Vemos que, por causa das refutações que Jó apresentava aos argumentos dos seus acusadores, as conversas não conduziram a um ponto comum. Por um lado, os amigos de Jó acusando-o de estar em pecado; por outro lado, Jó defendendo sua justiça e retidão diante de seus acusadores. Por conta disso, acabaram os argumentos Bildade contra Jó e, então, ele começa a exaltar a Deus, apresentando as diferenças entre o Criador e as criaturas. Seu terceiro discurso abrange apenas seis versículos. O comentarista pontua no livro de apoio que Bildade dá sinais que está cansado e de que não quer mais discutir com Jó.

No capítulo 25 ele destaca a onipotência divina. Deus é grande e poderoso (v.2). Por isso nada há de errado quando Bildade defende a majestade do Altíssimo. Todavia, como alguns autores destacam, Bildade acaba por criar um abismo que não existe entre a criatura e o Criador. O Deus defendido por ele não é o revelado na Bíblia.

Ele chama o homem de verme, e o filho do homem de bicho (v.6). Essa questão dá-nos a entender que Bildade quis imitar seu amigo Elifaz, se apoiando na transcendência de Deus, esquecendo-se, porém, da imanência, conforme comentamos na lição 6.

As ideias de Bildade se antecipam àquela defendida milênios depois pelo deísmo do final do século XVIII. Segundo os deístas, Deus criou o mundo, mas ausentou-se dele.

Embora creia na existência de Deus, o Deísmo difere do cristianismo ortodoxo por apresentar a cosmovisão onde Deus fez o mundo, mas que não interfere e interage na criação.

2. Onipotente, mas não ausente. Jó responde a Bildade com ironia: “Como ajudaste aquele que não tinha força e sustentaste o braço que não tinha vigor!” (Jó 26.2). Aqui, Jó não questiona a onipotência divina, mas a aplicação que Bildade faz desse conceito.

Em sua defesa no capítulo 26, Jó apresenta uma refutação contundente à teoria de Bildade sobre esse distanciamento de Deus em relação à sua criação. Ele elenca, de forma maravilhosa, algumas das ações de Deus na natureza. Leiamos, por exemplo, **Jó 26.6-10 – ARC**: *“O inferno está nu perante ele, e não há cobertura para a perdição. O Norte estende sobre o vazio; suspende a terra sobre o nada. Prende as águas em*

densas nuvens, e a nuvem não se rasga debaixo delas. Encobre a face do seu trono e sobre ela estende a sua nuvem. Marcou um limite à superfície das águas em redor, até aos confins da luz e das trevas”.

O conceito de um Deus grandioso, que é soberano em suas ações, não deveria vir acompanhado também do conceito de um ser compassivo e amoroso? Deus não deve ser visto apenas em sua força, mas, sobretudo, por seu amor. Ele nunca exaltou seu poder e grandeza acima do seu amor. Ele não disciplina simplesmente porque é grande, forte e soberano, mas porque ama.

Apenas aqueles que têm um relacionamento profundo com Deus é que entendem essa questão do amor divino. No Antigo Testamento, Deus era conhecido praticamente apenas pelo seu poder. Vejam como Deus repreendeu Abrão, depois de 14 anos de silêncio divino após o pecado deste: leiamos **Gn 17.1 – ARC**: “*Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abrão e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito*”.

Diferentemente do conceito apresentado por Bildade, o Deus que a Bíblia apresenta é poderoso e glorioso, mas, principalmente, misericordioso e gracioso.

Conforme mencionamos, o conhecimento do amor de Deus se tornou mais abrangente com a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, que mostrou, através de sua vida, esse amor de forma prática, e não apenas teórica.

Temos de cuidar para que no momento do sofrimento não manchemos a imagem de um Deus que não é só força, mas igualmente amor.

Não podemos nos esquecer que o Espírito Santo está conosco e que temos uma promessa de Deus: Ele não nos deixará ser tentados além da nossa capacidade de resistir (1Co 10.13). Glória a Deus!

SÍNTESE DO TÓPICO III

Bildade defende a majestade de Deus, mas reforça o distanciamento dEle do ser humano.

SUBSÍDIO BÍBLICO-TEOLÓGICO

“Deus é Exaltado e o Homem é Abatido [25] (vv.1-6). Bildade deve ser elogiado aqui, por dois motivos:

1. Por não mais falar sobre o assunto sobre o qual ele e Jó divergiam. Talvez ele começasse a pensar que Jó estava certo, e então era justo não dizer mais nada sobre isto, como alguém que disputava pela verdade, ficaria satisfeito em ceder a vitória; ou, se ainda se julgasse certo, ainda assim sabia quando já tinha dito o suficiente, e não discutiria incessantemente pela última palavra. Talvez, na verdade, uma razão pela qual ele e os demais deixaram diminuir este debate foi o fato de que percebiam que Jó e eles mesmos não divergiam tanto em opinião como pensavam: eles reconheceram que os ímpios podiam prosperar por algum tempo, e Jó reconheceu que eles seriam destruídos, no final; quão pequena, então, era a diferença! Se os contendores entendessem melhor, uns aos outros, talvez se encontrassem mais próximos uns dos outros, do que imaginavam.

2. Por falar tão bem sobre o assunto em que ele e Jó estavam de acordo. Se tivéssemos os nossos corações cheios de pensamentos respeitosos e reverentes sobre Deus e pensamentos humildades sobre nós mesmos, não seríamos tão propensos como somos a contender por questões de duvidosa controvérsia, que são assuntos intrincados ou insignificantes” (HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Antigo Testamento: Jó o Cantares de Salomão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p.125).

CONCLUSÃO

Nesta lição vimos que o debate entre Bildade e Jó assume alguns contornos teológicos muito relevantes. Bildade faz três discursos teológicos e em cada um deles põe em destaque a sua crença. Ele não crê na inocência de Jó e, por isso, atribui o seu sofrimento à existência do pecado. Assim, ele orienta Jó a viver segundo os ditames da tradição e, como consequência, o empurra para um moralismo de natureza apenas religiosa. Por último, quando quer exaltar a grandeza de Deus a qualquer custo, acaba por criar um abismo intransponível entre o Criador e a criatura.

VOCABULÁRIO

Deísmo: Doutrina que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada.

Moralismo: Doutrina ou comportamento filosófico ou religioso que elege a moral como valor universal, em detrimento de outros valores existentes.

PARA REFLETIR

A respeito de “A Teologia de Bildade: Se há sofrimento, há pecado oculto?”, responda:

Como a teologia de Bildade pode ser classificada?

A teologia de Bildade pode ser classificada em duas esferas: a dos maus e a dos bons.

O que Deus já havia testemunhado de Jó?

Deus já havia testemunhado acerca da integridade e da justiça de Jó.

Para Bildade, por que desgraças se abateram sobre Jó?

Para ele as desgraças sofridas por Jó ocorreram por causa da quebra da moralidade estabelecida.

Segundo a lição, qual o significado da palavra “redentor”?

*A palavra “redentor” traduz o hebraico **goel** e significa alguém que defendia um familiar quando este não podia fazer sua própria defesa.*

Como Deus deve ser visto conforme as Escrituras?

Deus não deve ser visto apenas em sua força, mas, sobretudo, por seu amor. Ele nunca exaltou seu poder e grandeza acima do seu amor. Ele não disciplina simplesmente porque é grande, forte e soberano, mas porque ama.

SUBSÍDIOS ENSinADOR CRISTÃO

A TEOLOGIA DE BILDADE: SE HA SOFRIMENTO, HA PECADO OCULTO?

Nesta lição, veremos o que ensina a teologia de Bildade. Este faz a defesa de uma moral rigorosa, fundamentada em preceitos religiosos, mas nada espirituais. O que implica consequência séria: uma visão de Deus como um ser distante e inacessível. Para Bildade, Jó havia ocultado um pecado e, por isso, estava “pagando o preço” pela sua atitude. É perigoso desenvolver uma visão raquítica de Deus, pois ao longo das Escrituras, o vemos como quem deseja se relacionar com o ser humano.

Resumo da lição

A lição tem como objetivo geral mostrar que nem sempre o sofrimento é consequência de um pecado oculto, como pensava Bildade. Para alcançar esse objetivo, há três outros bem específicos que acompanham o desenvolvimento dos três tópicos da lição.

O primeiro objetivo é destacar o argumento de Bildade que contrastava o pecado com o caráter santo e reto de Deus. Para isso o primeiro tópico destaca as palavras “justo” e “reto”. Nesse aspecto, a injustiça humana faz muitas vezes o homem ter uma compreensão limitada do Deus justo e reto. O que deixa clara a imperfeição humana diante do Criador.

O segundo objetivo é explicar a concepção de Bildade que associava o pecado à quebra da moralidade religiosa. Por isso o segundo tópico tratará acerca da ideia do pecado como a quebra de moralidade religiosa. Aqui, é importante mostrar que muitas vezes certa moralidade religiosa pode ser uma rebelião contra Deus. Vale a pena lembrar que, nos seus primórdios, o Movimento Pentecostal foi vítima de perseguição religiosa por causa de certa “moralidade religiosa” predominante da religião oficial. Por isso, a cruz deve ser o nosso esteio; o Espírito Santo, o nosso condutor conforme a Palavra de Deus.

O terceiro objetivo é esclarecer a argumentação de Bildade que contrapunha a pequenez humana com a grandeza de Deus. Por isso, o último tópico mostra a defesa de Bildade acerca da majestade de Deus, mas reforça o distanciamento dEle do ser humano. Entretanto, sim, Deus é onipotente, mas não está ausente. A crítica de Jó ao argumento de Bildade vai nesse sentido. Deus não deixou o ser humano sozinho. Por isso, para os cristãos, é muito significativo o Espírito Santo ser o nosso Advogado, o Consolador.

Portanto, não estamos sozinhos no mundo, mas acompanhados pelo Espírito Santo.

